



A mídia e o paradesporto: A representação do para-atleta no site Globoesporte.com¹

Cíntia Aparecida de SOUSA²

Adriana Cristina OMENA dos Santos³

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

O presente estudo analisou a representação do paradesporto e do para-atleta presente no jornalismo esportivo brasileiro. O *corpus* compõe-se com reportagens publicadas no *site* esportivo, Globoesporte.com, entre os dias 01 e 07 de dezembro de 2013. O recorte temporal levou em consideração o fato que no dia 03 de dezembro é comemorado o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência. A partir dos dados coletados e devidamente analisados sob a luz da análise de conteúdo, a pesquisa investigou qual a representação do para-atleta e se o paradesporto possui espaço no veículo. Os resultados mostram que a representação mais presente é a da superação, em que o esporte funciona como um canal para a superação da deficiência, e o espaço do paradesporto ainda está relacionado à divulgação dos resultados das competições paradesportivas.

PALAVRAS-CHAVE: paradesporto; representação; para-atleta; Globoesporte.com; jornalismo esportivo.

1 INTRODUÇÃO

"Ela é cega, mas mora sozinha". Esta frase e outras presentes em nossos dias são carregadas de preconceito em relação à deficiência. A atual sociedade preza pela padronização entre os indivíduos, apesar dos dados do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelarem que 23,9% da população possuem algum tipo de deficiência, seja visual, auditivo, físico ou intelectual.

As pessoas com deficiência representam quase um quarto da população brasileira e estas são representadas de diferentes maneiras. Assim, a presente pesquisa nasceu da inquietação sobre a abordagem do indivíduo com deficiência na mídia brasileira, a partir das reportagens sobre o paradesporto, a prática de atividades físicas pelas pessoas com deficiência, no jornalismo esportivo.

O paradesporto teve impulso com o fim da Segunda Guerra Mundial, momento em que um grande número de combatentes sofreu graves lesões na coluna vertebral e ficou paraplégico (perda dos movimentos dos membros inferiores) ou tetraplégico (perda dos movimentos dos membros inferiores e superiores). Este cenário influenciou o início de um

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Recém-graduada do curso de Comunicação Social: habilitação em jornalismo da UFU, email: cintiaperdizes@yahoo.com.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social: habilitação em jornalismo da UFU, email: adriomena@gmail.com.br.



trabalho de reabilitação médica e social, que visava reestabelecer a saúde física e mental do indivíduo, por meio da prática esportiva.

A temática se faz pertinente, primeiramente, por ser um tema pouco abordado na academia, em especial, se relacionada à comunicação. A escassez de pesquisas deve-se ao paradesporto ser estudado, principalmente, com foco nos benefícios físicos e sociais à pessoa com deficiência. Em contrapartida, esse trabalho analisou o espaço que o esporte adaptado possui dentro do jornalismo esportivo e como é a representação do para-atleta neste segmento especializado.

A pesquisa também justifica-se socialmente pela questão de ser um trabalho que teve como objeto de estudo as pessoas que foram ou são excluídas do âmbito da sociedade pelo fato de possuírem uma deficiência. Com isso, o trabalho contribui para a compreensão de como acontece a representação da pessoa com deficiência na mídia.

A concretização desse estudo pauta-se também no fato do esporte adaptado, apesar de ter mais de 100 anos de surgimento, ser abordado com mais intensidade em períodos de grandes competições, tais como os Jogos Paralímpicos ou Parapanamericanos. Deste modo, a pesquisa analisou qual o espaço que o paradesporto tem no jornalismo esportivo e como é feita a representação do para-atleta em um período sem a realização de um grande evento, visto que no ano de 2013, recorte temporal do trabalho, não houve os Jogos Paralímpicos ou Parapanamericanos.

Assim, a delimitação temática proposta baseou-se no questionamento: Como é a abordagem do paradesporto e a representação do para-atleta no jornalismo esportivo?. Para respondermos nossa indagação, tomamos como objeto de estudo reportagens publicadas no *site* Globoesporte.com, um dos principais veículos especializados em webjornalismo esportivo do Brasil.

O objetivo geral consistiu em analisar a representação do paradesporto e do para-atleta no *site* Globoesporte.com. Os objetivos específicos tinham em seu escopo a proposta de averiguar o espaço do paradesporto no *site* e identificar como o para-atleta é apresentado no jornalismo esportivo. A metodologia abordada refere-se no tratamento das reportagens sob a ótica da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977).

Antes de mergulharmos na pesquisa, retomamos a frase inicial dessa introdução. A forma mais adequada é: "Ela é cega e mora sozinha", pois ter uma deficiência, não significa ser incapaz de realizar ações do dia a dia e nem mesmo de morar sozinha.



2 A DEFICIÊNCIA E O ESPORTE: A pessoa com deficiência na sociedade

Na sociedade atual, que preza pela padronização entre os indivíduos, um décimo de todas as crianças nasce ou adquire impedimentos físicos, intelectuais ou sensoriais (MARQUES, 2010). Percebemos que as pessoas com deficiência representam quase um quarto da população brasileira e estas podem ser representadas de diferentes maneiras, desde seres incapazes a heróis. As diferentes abordagens devem-se à influência do modelo teórico adotado na conceitualização do termo deficiência.

2.1 O que é deficiência

Pesquisadores apontam que estudos sobre deficiência ainda são um campo pouco explorado no Brasil (DINIZ, 2003; BAMPI, GUILHEM, ALVES, 2010). Segundo Diniz (2007), a deficiência ainda é considerada uma questão de tragédia pessoal, ou seja, a deficiência é vista como uma patologia. Essa visão que defende "a concepção de deficiência como uma variação do normal da espécie humana" (DINIZ, 2007, p.08), ficou conhecida como modelo médico da deficiência.

Entretanto, estudos desenvolvidos no Reino Unido e nos Estados Unidos, no início dos anos 1970, alertaram que para conceituar-se o termo deficiência era preciso levar em consideração o contexto social, pois

é importante salientar que não devemos colocar a deficiência dentro de uma concepção puramente médica, ficando associada exclusivamente à doença. [...] Muito mais atual e dinâmica é a compreensão da deficiência como parte da área de desenvolvimento social e dos direitos humanos, conferindo-lhe uma dimensão mais personalizada e social (MARTINS, 2008, p.28).

Essa concepção de deficiência ficou conhecida como modelo social da deficiência, pois trabalha a deficiência não apenas a partir dos conceitos biomédicos, mas leva em consideração o contexto social.

2.2 A inclusão pelo esporte: o paradesporto

O paradesporto consiste em atividades praticadas pelas pessoas com deficiência, que podem ser de dois tipos: adaptada a partir de uma modalidade já existente, natação, por exemplo; ou criada exclusivamente para as pessoas com deficiência, como o *goalball*, que foi desenvolvido para os indivíduos com deficiência visual.



O esporte adaptado teve impulso com o fim da Segunda Guerra Mundial. Em 1944, o neurocirurgião alemão, de origem judaica, Ludwig Guttmann, foi convidado pelo governo inglês para fazer parte do Centro de Lesionados Medulares de Stoke Mandeville. Na instituição, Guttmann realizou um trabalho de reabilitação médica e social de veteranos da guerra por meio de prática esportiva.

O sucesso do trabalho motivou o médico a organizar a primeira competição para os atletas em cadeiras de rodas, em 29 de julho de 1948 - mesma data de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres (MARQUES et al., 2009, p.370). Entretanto, a prática de atividade esportiva por pessoas com deficiência possui registro já no fim do século XIX,

existem registros de aparições do esporte adaptado datados de 1871, na School of Deaf, de Ohio, Estados Unidos, que foi a primeira escola para surdos a oferecer beisebol. As primeiras notícias da existência de clubes esportivos para pessoas surdas datam de 1888, em Berlim, Alemanha. Porém, somente em 1924 é que foram realizados, em Paris, França, os primeiros "Jogos do Silêncio", com a participação de 145 atletas de nove países europeus. Essa foi a primeira competição internacional para pessoas com deficiência (MARQUES et al., 2009, p.370).

Apesar da gênese do paradesporto estar relacionada ao movimento esportivo dos surdos, atualmente as pessoas com deficiência auditiva não participam das competições paralímpicas organizadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). "O movimento esportivo das pessoas surdas por questões culturais não ocorre de maneira conjunta com o paralímpico, tendo, desse modo, ações políticas, bem como os eventos que ocorrem em separado" (PARSONS; WINCKLER, 2012, p.03).

No cenário brasileiro, o paradesporto foi introduzido pela iniciativa de Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande que após sofrerem acidentes, buscaram nos Estados Unidos os serviços de reabilitação (ARAÚJO, 1997, p.16). No país norte-americano, o paradesporto desenvolveu-se quase ao mesmo tempo que na Inglaterra, o responsável foi Benjamim Lipton (FREITAS; CIDADE, 2000, p. 25).

O marco inicial do paradesporto no Brasil aconteceu com "a apresentação da equipe de basquetebol em cadeiras de rodas 'Pan Jets', formada por funcionários deficientes físicos da companhia aérea *Pan American World Airlines*. Foram duas exibições em novembro de 1957, no ginásio do Ibirapuera (São Paulo) e no Maracanãzinho (Rio de Janeiro)" (CARVALHO LIMA, 2007, s. p.).

De acordo com os pesquisadores Costa e Winckler (2012, p.17), o esporte adaptado "pode ser visto através de diferentes ângulos, que constituem suas diferentes formas de



manifestação". Essas formas de manifestação são: Esporte Saúde, Esporte Educacional, Esporte Lazer e o Esporte Rendimento.

O Esporte Saúde consiste em uma forma de ação terapêutica, ou seja, a atividade física contribui para "a profilaxia, a reabilitação ou a manutenção do estado de saúde do praticante" (COSTA; WINCKLER, 2012, p.17). Nessa abordagem, o paradesporto tem como intuito melhorar a qualidade de vida e o estado de saúde das pessoas com deficiência, e é nesse espaço acontece o primeiro contato com o universo esportivo.

A segunda manifestação, o Esporte Educacional, tem como característica a questão do ensino-aprendizagem, isto é, o esporte é o canal para a troca de conhecimento.

No caso da pessoa com deficiência, permite o acesso às possibilidades de novas formas de movimento ou interação com o meio, possibilitando ao praticante o acesso a novos contextos de inserção, que, por vezes, eram limitados pela falta de informação ou pelo preconceito pessoal das outras pessoas (COSTA; WINCKLER, 2012, p.18).

É importante ressaltar que o Esporte Educacional não se restringe ao ambiente escolar, apesar deste ser o principal lugar em que acontece essa manifestação, pois a característica principal está no processo de aprendizagem e não no local.

O Esporte Lazer foca a questão de a atividade esportiva ser uma ocupação do tempo livre, ou seja, uma forma de prazer. Segundo Costa e Winckler (2012, p.18), nessa manifestação é preciso locais adequados para a prática esportiva, fato que impede que mais pessoas com deficiência realizem atividades físicas.

Por fim, encontramos o Esporte Rendimento, manifestação "mais conhecida e notória do esporte, já que é a que mais atraia a atenção da mídia e das pessoas" (COSTA; WINCKLER, 2012, p.18). No Esporte Rendimento, o resultado e a competição passam a ter uma grande importância no processo. Nessa manifestação, o esporte é visto como negócio, e "é possível ao atleta ser profissional e viver por meio de seus ganhos provindos do esporte" (COSTA; WINCKLER, 2012, p.18).

O paradesporto como Esporte Rendimento teve a primeira participação de uma equipe brasileira em uma competição internacional no ano 1969, na segunda edição dos Jogos Parapanamericanos, em Buenos Aires, Argentina. Em 1972, uma equipe de para-atletas representou o país em uma Paralimpíada, na Alemanha. A primeira medalha paralímpica (prata) foi conquistada na bocha, em 1976, em Toronto, Canadá, pela dupla Luiz Carlos da Costa e Robson Sampaio de Almeida (CARVALHO LIMA, 2007, s. p.).



2.3 O espaço do paradesporto na mídia

Em pleno século XXI, em que a bandeira da igualdade é amplamente defendida, percebemos que o paradesporto possui um restrito espaço na mídia brasileira. Segundo Oliveira, Rodrigues e Peil (2009), apenas na época de grandes eventos, como os Jogos Parapanamericanos e os Paralímpicos, é que a mídia aborda a temática.

Percebe-se também, ao comparar os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, uma considerável diferença na cobertura realizada pela mídia nos referidos eventos. Enquanto que no primeiro, a transmissão é minuciosa, o número de repórteres é significativamente grande e os patrocinadores disputam por um espaço no evento, no segundo, o nível de interesse por parte da mídia despenca, os patrocinadores somem e o evento é retratado com uma ínfima cobertura (OLIVEIRA; RODRIGUES; PEIL, 2009, p. 03).

No Brasil, as competições de paradesporto começaram a ter maior destaque na mídia apenas nos Jogos Paralímpicos de Sidney, em 2000. Segundo Carvalho Lima (2007), este interesse deu-se porque os atletas brasileiros tiveram um fraco desempenho nos Jogos Olímpicos.

Por mais paradoxal que possa parecer, essa situação desfavorável de nossos atletas olímpicos contribuiu imensamente para a afirmação do paradesporto. Sedento por vitórias, o povo brasileiro acompanhou pelos jornais e televisão notícias da trajetória dos então desconhecidos e obstinados atletas, que diferiam de seus ídolos do esporte dito "normal" apenas por possuírem uma deficiência. E as pessoas não se decepcionaram. Foram conquistadas seis medalhas de ouro (22 no total) (CARVALHO LIMA, 2007, s.p).

Entretanto, o espaço do esporte paralímpico ainda é restrito aos feitos das grandes competições, pois parte da mídia ignora o trabalho diário e destaca apenas os resultados destes eventos. "A cobertura mediática de desporto adaptado muitas vezes foca principalmente na performance e sucesso dos atletas com deficiência, enfatizando o significado de recordes, medalhas e tempos, com muito pouco, ou nenhum, comentário sobre a experiência dos atletas, repercussão da medalha e bastidores (THOMAS; SMITH, 2003 apud FIGUEIREDO; NOVAIS, 2011, s.p).

Assim, para analisar a representação do para-atleta em um período sem a realização de um grande evento, visto que no ano de 2013, recorte temporal do trabalho, não houve nenhuma competição paradesportiva como os Jogos Paralímpicos ou Parapanamericanos, recorreremos ao segmento do jornalismo especializado em esporte.

Porém, antes de discorrermos sobre o jornalismo esportivo, a seguir realizaremos uma explicação do conceito de representação abordada na teoria de comunicação dos Estudos



Culturais e exemplificaremos as representações da pessoa com deficiência mais recorrentes na mídia brasileira.

3 UM OLHAR PARA O SUJEITO: A representação nos Estudos Culturais

"O que importa são as *rupturas* significativas - em que velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas". Esta é afirmação feita pelo teórico Stuart Hall (2006a, p.123) ao discorrer sobre os pressupostos dos Estudos Culturais, proposta teórica a qual esta pesquisa se debruça.

A escolha dessa teoria atende as especificidades da pesquisa no que diz respeito a observar a representação do sujeito e soma-se também o fato de que os Estudos Culturais florescerem no mesmo período em que as Organizações das Nações Unidas (ONU) proclamaram a Declaração de Direitos Humanos (1948), em que todos da sociedade, sem exceção, são iguais perante a lei.

Nesse contexto, é importante ressaltar, no entanto, que "a história ilumina que desde a sua proclamação, os direitos humanos não tem se efetivado de maneira igualitária. O grupo social constituído pelas pessoas com deficiência tem permanecido imerso, ao longo dos séculos, em um contínuo processo de segregação, negação de direitos e exclusão social" (DANTAS, 2011, p.03).

3.1A representação da pessoa com deficiência

O indivíduo com deficiência é abordado de diferentes maneiras na sociedade, desde seres incapazes até heróis. Segundo Carvalho Lima (2007, s.p), "contar a História das pessoas portadoras de deficiência desde os primórdios da humanidade é, acima de tudo, fazer uma narrativa das atrocidades geradas pela aliança entre o desconhecimento e o preconceito".

Por essa razão, ainda que o foco da pesquisa seja a representação do paradesporto e do para-atleta na mídia, é importante destacar as diferentes abordagens da pessoa com deficiência na história, pois estas influenciaram a representação realizada pelos veículos midiáticos, uma vez que, a representação é construída a partir do contexto cultural e social, em que o indivíduo está inserido.

Na Antiguidade (500 a.C. e 400 d.c), havia duas formas de tratamento à pessoa com deficiência. Na Grécia e na Roma era permitido o extermínio, pelo fato delas não estarem



aptas à guerra. Já, na cidade de Atenas, "a influência do pensamento de Aristóteles criou um sistema semelhante à previdência social, que tinha a função de proteger os portadores de deficiência" (CARVALHO LIMA, 2007, s.p). Em ambas abordagens, a pessoa com deficiência é representada como inferior, pois ou era punida com a morte ou iria depender do assistencialismo dos governantes.

Na Idade Média, por influência do cristianismo, "os indivíduos com deficiência passam a ser 'guardados' em casas, vales, porões e, principalmente, sobre a proteção dos mosteiros, ou seja, dos padres. Nesse período, ainda persiste a ideia de possessão demoníaca, que terminava em longas sessões de exorcismo" (CIDADE; FREITAS, 2002, p.14). Assim, a pessoa com deficiência seria um indivíduo amaldiçoado, o qual deveria ficar à margem do convívio social.

Na Idade Moderna com os ideais iluministas, que defendiam a substituição das crenças religiosas e do misticismo pelo pensamento racional, a sociedade passa a se preocupar com o indivíduo com deficiência. "Surge a representação da normalização, do modelo médico em que a deficiência é representada como uma doença, assim a medicina procura a cura, eliminando-a" (MAVIGNIER; TARAPANOFF, 2013, p.03).

No século XX, pelo fato dos combatentes retornarem das Guerras Mundiais (1914 a 1918 e 1939 a 1945) e da Guerra do Vietnã (1955 a 1975) com alguma deficiência, a visão da pessoa com deficiência na sociedade alterou-se. "Em vez de inválidos ou seres menos capazes, os deficientes passaram a ser vistos como heróis que haviam dado suas pernas, pés, mãos ou braços pelo bem da nação" (CARVALHO LIMA, 2007, s.p). Deste modo, podemos perceber que a representação da pessoa com deficiência é influenciada pelos sistemas culturais.

As pesquisadores Mavignier e Tarapanoff (2013), ao realizar um trabalho sobre a representação da pessoa com deficiência no cinema, elencam quatro tipos de representação presentes nos veículos midiáticos. São elas, a de assistencialismo (como 'coitadinhas' que precisam de ajuda); da normalização (a deficiência é representada como uma doença, para qual procura-se a cura); da cidadania (a pessoa com deficiência é vista como um ser humano completo, um cidadão com deveres e direitos) e da superação (a pessoa com deficiência é representada como vencedora, mito).

Entretanto, Hilgemberg (2013) afirma que ao analisar a representação da pessoa com deficiência, percebe-se que geralmente esses indivíduos são retratos de forma irreal e estereotipadas, pois



desde os seus primórdios que a sociedade tendeu a marginalizar e inabilitar as pessoas com deficiência apondo-lhes o estigma da diferença. Mesmo na atualidade, e apesar de vivermos numa sociedade dita inclusiva, o preconceito para com a pessoa com deficiência é ainda prevalente. Todo o indivíduo que foge aos padrões de normalidade é considerado estigmatizado, sendo que tal como afirma Pontes (2001), o estigma não está nem no sujeito, nem na deficiência, mas nos 'valores culturais estabelecidos pela sociedade que permitem categorizar as pessoas que fogem aos padrões de normalização, aferindo a estas determinados rótulos sociais' (HILGEMBERG, 2013, p.02).

Seja por meio da imagem de superação, de assistencialismo, de normalização, de cidadania ou de super-herói, a representação da pessoa com deficiência é um fértil campo de estudo, visto que um mesmo veículo apresenta diferentes representações, carregadas ou não de preconceitos e estereótipos.

Assim, como defende Dantas (2011, p. 06), "em uma sociedade que busca a inclusão, é preciso ter cuidado ao adotar uma postura de aceitação condescendente, pois de forma naturalizada, passa-se a reproduzir o preconceito". Desta forma, a investigação da representação da pessoa com deficiência possibilita uma compreensão do universo dos indivíduos, que muitas vezes foram ou são ignorados da sociedade pelo simples fato de possuírem uma deficiência, seja visual, motora, auditiva ou intelectual.

4 JORNALISMO ESPORTIVO: O *site* esportivo Globoesporte.com

O Globoesporte.com é um *site* esportivo hospedado no portal Globo.com. O *site* foi lançado em 2001 e pertence às Organizações Globo (BRINATI; OLIVEIRA, 2012). Um fato curioso é que no próprio *site* esportivo não há nenhuma descrição ou apresentação da página. O único local em que encontramos uma descrição do está no portal Globo.com em uma seção destinada a anunciantes, em que afirma

líder absoluto de audiência no segmento esportes, o Globoesporte.com oferece a melhor cobertura jornalística das mais diversas modalidades. Um dos diferenciais do portal são os vídeos da programação esportiva da TV Globo. Além disso, é o único site com direitos exclusivos de transmissão, ao vivo, de eventos, como a Liga dos Campeões da Uefa e os 64 jogos da Copa do Mundo da Fifa (GLOBO.COM, 2014, s.p.).

Com base nas informações coletadas no veículo analisado, o *site* tem o objetivo de informar sobre o universo esportivo nacional e internacional. A atividade de maior cobertura é o futebol, sendo que este possui uma aba exclusiva, enquanto os demais esportes, em especial, os olímpicos, são aglomerados em uma aba intitulada + esportes.



É importante ressaltar que as atividades esportivas *Mixed Martial Arts* (MMA) e a Fórmula 1 também possuem abas específicas, isto deve-se ao fato do MMA estar em ascensão no cenário brasileiro e da Fórmula 1, como apresenta Bezerra e Rangel (2006), ser uma atividade que sempre tem espaço na mídia esportiva.

É válido destacar que no *site*, especificamente no *menu* inicial, não encontramos nenhum aba que faça referência explícita às modalidades paralímpicas. Nem mesmo na aba "esportes de A a Z", que tem como objetivo apresentar todas as modalidades de esporte, as atividades exclusivas do paradesporto, como o *goalball*, fazem-se presentes. Este fato comprova a restrição de espaço do paradesporto, visto que, não há nenhuma seção para as modalidades adaptadas.

5 O PARADESPORTO NA MÍDIA: A representação da pessoa com deficiência

Essa pesquisa, com a finalidade de aplicação direta na sociedade, fundamenta-se em uma análise da representação do paradesporto e do para-atleta na mídia. Os objetivos referem-se a uma proposta exploratória, no sentido de analisar como a pessoa com deficiência é abordada no veículo midiático *Globoesporte.com* e se essa abordagem promove ou não o indivíduo com deficiência na sociedade.

Os procedimentos para a realização do estudo caracterizam-se por um levantamento documental qualitativo. A pesquisa documental foi utilizada tendo em vista que "caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação" (OLIVEIRA, 2007, p.69). Além disso, uma pesquisa qualitativa "não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc" (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.32), e atende, portanto, o objetivo desta pesquisa, que visou analisar e compreender a representação do paradesporto e do para-atleta no jornalismo esportivo. Deste modo, não nos atrelaremos à quantidade de notícias dedicadas ao paradesporto em relação ao esporte convencional, mas, sim, como essas matérias contribuem para a construção da representação do esporte adaptado na mídia brasileira.

O *corpus* do trabalho refere-se a reportagens divulgadas no *site* *Globoesporte.com*. A escolha do veículo deve-se por ser um dos *sites* mais procurados pelos internautas (SILVA; GUIMARÃES, 2012), por fazer parte das Organizações Globo, uma das principais empresas de telecomunicações do país, e também pela facilidade na coleta dos dados, visto que a



própria mídia disponibiliza uma ferramenta de busca. Com os dados coletados, deu-se início ao tratamento das reportagens sob a ótica da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977).

5.1 A representação do paradesporto e do para-atleta: descrição e análise dos dados

O intuito desse trabalho foi investigar como o *site* Globoesporte.com aborda o paradesporto. Assim, realizou-se uma pesquisa aplicando a análise de conteúdo nas notícias veiculadas no veículo midiático. A amostra foi coletada na quadragésima oitava semana do ano de 2013, ou seja, entre os dias primeiro e sete de dezembro. Optamos por esse recorte pelo fato de que no dia três de dezembro é comemorado o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência⁴.

A coleta das reportagens aconteceu com o auxílio da ferramenta de busca disponibilizada pelo próprio *site* Globoesporte.com. Os critérios para a seleção foram as matérias em formato de notícia, publicadas no período delimitado e que tivessem pelo menos uma das palavras-chave, a saber, deficiência(s), deficiente(s), para-atleta(s) ou paratleta(s), paradesporto, paralimpíada(s), paralímpico(s), elencadas pelo estudo. Cabe ressaltar que algumas matérias, apesar de possuírem as palavras-chave, não foram selecionadas para a análise, visto que elas não tinham como intuito apresentar um conteúdo sobre o universo paradesportivo. Após essa seleção, o *corpus* ficou delimitado em vinte e duas reportagens.

Com o material organizado, partimos para o processo de categorização. A partir de uma pré-leitura das reportagens e com o intuito de compreender a representação do paradesporto e do para-atleta elencamos sete categorias: data, título da matéria, terminologia, tipo de deficiência, representação do para-atleta, posicionamento sobre o paradesporto, juntamente com a categoria prova validativa, que consiste em um trecho do texto que confirme a inferência dos resultados.

5.2.1 O espaço do paradesporto e do para-atleta na mídia

Com as análises das sete categorias selecionadas, percebemos que as vinte e duas reportagens nos apresentam um esboço da presença do universo paradesportivo no *site* Globoesporte.com. A representação do para-atleta de maior abrangência é a de superação. Como defende Woodward (2008), a representação influencia na construção do sujeito. Sendo assim, a pessoa com deficiência é vista, na maior parte, como aquela que precisa superar as

⁴A data foi estabelecida pelo *World Programme of Action concerning Disabled Persons* e adotada pelas Nações Unidas em assembleia geral, em 1982 (INTERNATIONAL, 2013, s.p).



dificuldades. E, apesar do modelo social da deficiência ser o defendido pelos pesquisadores da temática, o *corpus* mostrou que ainda prevalecem os conceitos do modelo médico, pois a pessoa com deficiência é apresentada como aquela que não encaixa-se no padrão 'normal' da sociedade.

Como defende Hall (1997 apud SANTI; SANTI, 2008), verificamos que a representação está relacionada ao contexto social. Deste modo, a construção do para-atleta como um indivíduo que supera as dificuldades, reforça o estereótipo de que o indivíduo com deficiência precisa sempre estar superando alguma barreira para ser aceito na sociedade.

Em relação à terminologia, percebemos que as palavras especial e excepcional não foram abordadas em nenhuma matéria. Esse fato é relevante na análise, pois como apresenta Vivarta (2003) essas terminologias devem ser evitadas.

E, por fim, concluímos que a presença do paradesporto ainda está relacionada a divulgação das competições, visto que a maior parte do *corpus* tem com intuito informar o leitor sobre os resultados dos eventos paradesportivos. Assim, o espaço do esporte paralímpico ainda é restrito aos feitos das competições, pois parte da mídia não divulga o trabalho diário e destaca apenas os resultados dos eventos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas com deficiência representam quase um quarto da população brasileira, mas apesar desse expressivo número, elas ainda são consideradas como minoria, em especial, aquelas que possuem uma deficiência mais severa. Esse trabalho nasceu da inquietação sobre a abordagem dessa parte da população na mídia brasileira. Buscamos analisar a representação do paradesporto e do paratleta no *site* de jornalismo esportivo Globoesporte.com, averiguando o espaço do paradesporto nesse *site* e identificando como o para-atleta é abordado no jornalismo esportivo.

A representação do para-atleta presente no *corpus* da análise, com maior ocorrência, foca a questão da superação, ou seja, a pessoa com deficiência que possui destaque no esporte é aquela que supera as limitações da deficiência. Essa representação deve-se que "com as competições esportivas surge a representação da superação, em que a pessoa com deficiência é representada como vencedor, mito, valorizada todas dificuldades para conseguir a vitória" (MAVIGNIER; TARAPANOFF, 2013, p. 03).

Entretanto, essa representação não contribui positivamente para a humanização do para-atleta, visto que, a representação de superação corrobora com os ideais defendidos pelo



modelo médico da deficiência, em que "as pessoas com deficiência não são vistas como indivíduos independentes, e os impedimentos são sempre construídos pela deficiência" (HILGEMBERG, 2013, p.04).

Assim, os para-atletas são vencedores, porque superaram as barreiras da deficiência. Carvalho Lima (2007), ao estudar a presença do paradesporto, afirma que o fato de focar apenas os resultados, deixa de lado aspectos relevantes da prática paradesportiva, fato que foi comprovado pelo nosso *corpus*.

Deste modo, verificar o tratamento dado ao paradesporto em uma época sem um grande evento foi o intuito desse trabalho. Porém, o nosso recorte temporal, foi posterior a uma competição nacional: os Jogos Paralímpicos Escolares, que apesar de não ser um evento mundial é uma das mais importantes competições paradesportivas do país. Os Jogos Paralímpicos Escolares aconteceram entre os dias 26 e 30 de novembro e a temática esteve presente em nove reportagens do *corpus*. Como defendem Oliveira, Rodrigues e Peil (2009), verificamos que é apenas na época de eventos, em que o paradesporto é abordado nos veículos midiáticos com maior intensidade. Assim, concluímos que a divulgação das notícias sobre o paradesporto estão relacionadas às competições e que em raras vezes o trabalho do dia a dia é abordado.

Este estudo, por seu viés exploratório, não pretendeu esgotar a temática, que carece ainda de mais investigações. Apesar disso, as conclusões apontam para pistas que permitem traçar um panorama da representação do paradesporto e do para-atleta no jornalismo esportivo praticado pelo *site* Globoesporte.com. Tal indicativo pretende contribuir com as discussões no campo de estudos do jornalismo, visto que o trabalho evidenciou a escassez de pesquisas voltadas para universo do paradesporto, em especial para as questões da representação e identidade.

Em suma, a escolha da temática sobre o paradesporto permitiu uma reflexão crítica sobre a necessidade de se pensar no papel social que o jornalista deve representar na sociedade. Muitas vezes deixamos nos levar pelo deslumbramento da profissão e esquecemos que um dos objetivos do jornalismo é abordar questões de cunho social.

REFERÊNCIAS

BAMPI, Luciana Neves da Silva; GUILHEM, Dirce; ALVES Elíoenai Dornelles. *Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência*. In: **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. São Paulo:



Universidade de São Paulo. jul-ago 2010. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n4/pt_22.pdf>. Acesso em: 15 nov.2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARVALHO LIMA, Marcos Henrique. **A Mídia e o Paradesporto: a percepção da deficiência visual pelos meios de comunicação**.2007. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo). Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:
<<http://jornalismo.ufma.br/denise/files/2011/04/m%C3%ADdia-e-paradesporto-monografia-UFRJ1.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2013.

CIDADE, Ruth Eugênia Amarante; FREITAS, Patrícia Silvestre de. **Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência**. Curitiba: UFPR, 2002.

COSTA, Alberto Martins da; WINCKLER, Ciro. *A Educação Física e o Esporte Paralímpico*. In: MELLO, Marco Túlio de; OLIVEIRA FILHO, Ciro Winckler (orgs). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p.15-20.

DANTAS, Taísa Caldas. *A autoadvocacia dentro do campo dos estudos culturais: um meio para o empoderamento de pessoas com deficiência*. In: **Revista Brasileira de Tradução Visual**. Pernambuco, v.7, n.7. 2011. Disponível em:<<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/viewArticle/95>>. Acesso em 25 jul. 2013.

DINIZ, Débora. *Modelo social da deficiência: a crítica feminista*. In: **Série Anis 28**. Brasília: LetrasLivres, julho, 2003. p. 01-08. Disponível em: <[http://www.anis.org.br/serie/artigos/sa28\(diniz\)deficienciafeminismo.pdf](http://www.anis.org.br/serie/artigos/sa28(diniz)deficienciafeminismo.pdf)>. Acesso em: 15 nov.2013.

_____. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg; NOVAIS, Rui Alexandre. *Atletas com Deficiência na Mídia: A cobertura noticiosa dos Jogos Paraolímpicos de Atlanta a Pequim nas impressas portuguesa e brasileira*. In: **Anais CONFIRBECOM** (Confederación Iberoamericana de Asociaciones Científicas y Académicas de la Comunicación). 2011. Disponível em:<<http://confibercom.org/anais2011/pdf/354.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2014.

FREITAS, Patrícia Silvestre de; CIDADE, Ruth Eugênio. *Desporto e Deficiência*. In: FREITAS, Patrícia Silvestre de (orgs). **Educação Física e Esporte para deficientes: coletânea**. Uberlândia: Edufu, 2000. p. 25- 40.

GLOBOESPORTE.COM. *Anuncie aqui*. In: **GloboEsporte.com**. 2013. Disponível em:
<<http://anuncie.globo.com/redeglobo/sites/esportes/globoesporte/home.html> >. Acesso em: 07 jan. 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovikv(orgs); Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte, MG: Editora: UFMG. 2006a. Original inglês.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006b. Tradução de The question of cultural identity.

HILGEMBERG, Tatiane. *Representação Midiática do Atleta com Deficiência na Mídia Brasileira e Portuguesa – do coitadinho a super-herói*. In: **Anais XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Manaus, Amazonas. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1754-1.pdf>>. Acesso em: 07 jan.2014.



IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/resultados_gerais_amostra.pdf>. Acesso em 22 abr. 2012.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. **O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu**. 2010. 286 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2010.

MAVIGNIER, Tancy Costa.; TARAPANOFF, Fabíola. *Cinema e deficiência*. In: **Anais XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Bauru, São Paulo. 2013. Disponível em:<<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1675-1.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

MARTINS, Lília Pinto. *Definições*. In: RESENDE, Ana Paula Crosara; VITAL, Maria de Paiva. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Brasília: Secretária Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência, 2008. p.28-30.

OLIVEIRA, Francisco de Assis Furtado ; RODRIGUES, Leandro Meireles, PEIL, Luciana Marins Nogueira. *Jogos Olímpicos e Mídia: uma relação perfeita?*. In: **Anais XVIII Congresso de Iniciação Científica e XI Encontro de Pós-Graduação**. Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul. 2009. Disponível em: < http://www.ufpel.tche.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_01827.pdf>. Acesso em 07 jan. 2013.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PARSONS, Andrew; WINCKLER, Ciro. *Esporte e a Pessoa com Deficiência*. In: MELLO, Marco Túlio de; OLIVEIRA FILHO, Ciro Winckler (orgs). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p.3-14.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. *Stuart Hall e o trabalho das representações*. In: **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**. São Paulo: ECA/USP. Ano 2 - 1 ed. – setembro/novembro de 2008. Disponível em:< <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/6288/5712>>. Acesso em: 20 nov.2013.

SILVA, Ygor Martins da; GUIMARÃES, Carlos Fábio Moraes. *Webjornalismo como alternativa para democratização do esporte no Brasil*. In: **XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**. Palmas, Tocantins, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2012/resumos/R29-0151-1.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

SILVEIRA, Denise Tolf.; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. *A pesquisa científica*. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (orgs) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p.31-42. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

VIVARTA, Veet. **Mídia e deficiência**. Brasília: Andi ; Fundação Banco do Brasil, 2003. (Série Diversidade).

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, T. T. da S.(orgs) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**.8 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2008, p. 07-72.